

O Barroco

Elton Magalhães¹

O Barroco teve início
No século XVII
Primeiro lá na Europa
Para que ao Brasil viesse
E quem gosta de estudar
Pra muito atento ficar
Seus princípios nunca esquece.

Ele teve na Itália
Seu lugar de surgimento,
Derivado de um período
Chamado Renascimento.
Mas logo se espalhou,
A Europa conquistou,
Prosseguiu em crescimento.

A estética barroca –
“Pérola Irregular” –
Tem por mote esse nome
Se não me deixa falhar
Por fugir dos mandamentos
Vistos no Renascimento
Que agora vou explicar:

O Renascimento foi
Uma arte classicista
De ideal greco-romano
E bastante idealista,
Pois pregava a razão
Contra a religião
Que era muito moralista.

O Barroco se difere
De qualquer modo que seja
Por ter sido utilizado
Pelos membros da Igreja
Que, contando nos papéis,
Só perdia seus fiéis.
O motivo? Ora veja:

Um cabra, nome Lutero,
Inquieto, num instante
Cheio de tanto impropério
Da igreja, num rompante,
A tinta e o papel pegou
E logo logo fundou
A Reforma Protestante.

Por isso logo a Igreja
Querendo ganhar de novo
O que perdeu pra Lutero
Vai também entrar no jogo
Se une à literatura
À pintura e à escultura
Pra reconquistar seu povo.

Reforma e Contrarreforma.
O homem europeu então
Entra no meio da briga
Também em contradição
Já não sabe onde ficar
Nessa corda a balançar
Entre a fé e a razão.

O Barroco foi a arte
Dos contrastes, dos conflitos
Pois mudaram os valores
Dos homens já tão aflitos.
Por isso é que a oposição
É sempre posta em questão –
Como vemos nos escritos.

Confrontação violenta
Entre pecado e perdão
Ou juventude e velhice
Ou frieza e emoção
São valores que encontramos
Sempre que nós estudamos
O tema com atenção.

¹Professor do Instituto Federal Baiano (IFBA) Campus Itaberaba. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da (UFBA). Graduado em Letras Vernáculas (UFBA). Poeta-cordelista, publica cordéis em folhetos e na web <https://ocordelnaweb.wordpress.com>. As palavras que mais definem seu interesse são: estudos literários, estudos culturais, cultura popular e filosofia.

Linguagem bem rebuscada.
Texto bem sofisticado.
Era a arte que agradava
A um público elevado.
Pois o requinte formal
De modo bem natural
Elevava seu estado.

Mas, no Brasil, o Barroco
Vestiu-se de outra feição,
Pois ainda era colônia
Mesmo ele sendo grandão.
Pouco tempo descoberto
Por um povo bem esperto:
Portugal era a nação.

Por ser só uma colônia
Aqui quase ninguém lia.
Tinha negro escravizado
Que estudar nunca podia.
E o índio só sumindo
Portugal o perseguindo
Pois trabalhar não queria.

Estudando só se via
Uma elite bem restrita.
Era a gente de brasão
Que conhecia a escrita
Ficando a literatura
Ligada à uma estrutura
De uma arte erudita.

Pouca gente apareceu
Que escreveu dessa maneira.
Entre prosa e poesia,
Temos o Bento Teixeira,
Sebastião Rocha Pita,
Também Frei Itaparica,
E Botelho de Oliveira.

Porém vai aparecendo
Em meio a essa questão
Gente que tava querendo
Chamar alguma atenção
Da exploração portuguesa.
Daí surge, com certeza,
Sentimento de nação.

Foi um padre jesuíta
Cheio de inquietações
Que se destacou na prosa
Pelas suas pregações.
Tudo que o padre queria
Plenamente ele escrevia
Nos seus famosos sermões.

Seu nome é Antônio Vieira
Prosador de muita ação
Que viveu em Portugal
Mas também nessa nação.
Se indispôs com muita gente,
Deixando bem descontente
Inclusive a Inquisição.

Isso porque padre Antônio
Usava sempre o sermão
De modo crítico e justo:
O texto como missão.
Ajudou-nos a vencer
A Holanda que quis ter
O Brasil por invasão.

Outro cabra bem famoso
Que nasceu por essa terra
De um modo genioso
Inicia e encerra
O Barroco no Brasil
Seu nome muito se ouviu:
Gregório de Matos Guerra.

Pense num homem retado,
Que nada lhe causa medo
Tudo que é caso de Estado
Ele logo mete o dedo.
Algo que a Igreja fazia,
Por meio da poesia,
Revelava o segredo.

Por isso que lhe chamavam
De forma não carinhosa
Gregório Boca do Inferno.
Não era muito de prosa.
Gostava de palavrão
E tinha por vocação
Uma moral duvidosa.

Gregório seguiu à risca
O tal modelo europeu.
Mas, como era diferente,
Ele nunca se prendeu.
Era também um cultista.
Da sua língua, especialista,
Até frase inverteu.

Buscou retratar o amor
De forma conflituosa,
Pois a vontade de amar
Era muito perigosa.
A culpa espiritual
Vemos, de modo geral,
Na Lírica Amorosa.

A culpa e o arrependimento,
A busca pelo perdão
Está na Religiosa
Lírica de devoção.
O homem que peca e chora
Busca a Cristo toda hora
Mostrando sua devoção.

A Lírica Filosófica
É muito mais abrangente
O desconcerto do mundo
Mostra o homem impaciente
Com a transitoriedade
E já chegando na idade
Se encontra descontente.

Mas Gregório acrescentou,
Pois ele era irreverente,
A Sátira no Barroco
Tornando então diferente
O que era dito norma.
Se desapareceu da forma,
Deixando-o mais atraente.

Num jeito rude e jocoso
Com sons de baixo calão
Gostava de criticar
Quase todos da nação
Nobres, clero e até freira
Não viam uma maneira
De escapar de palavrão.

O Barroco no Brasil
Conseguiu permanecer
Até o século XVIII
Quando vai aparecer
Nas igrejas construídas,
Nas imagens esculpidas,
Que dá gosto de se ver.

Vou ficando por aqui
Sem mais nada pra dizer
Os que gostaram do assunto
Muito tem pra conhecer.
Basta seguir em viagem...
Já eu digo, de passagem:
Para mim foi um prazer!

